



USEUS EM
OVIMENTO

DERIVAS DA MEMÓRIA: PENSAR A HISTÓRIA CAMINHANDO

Paisagem De Ouro Preto, Guignard (1955)
Acervo Museu Casa Guignard



SUMÁRIO

| | |
|--|----------|
| 1. Derivas da Memória | 2 |
| 2. Do retumbar dos hinos ao soar dos tambores | 3 |
| 3. Os Caminhos da Ditadura em Ouro Preto | 4 |
| 4. Cemitérios de Objetos Sacros | 5 |
| 5. Orientações gerais para as derivas | 6 |
| 6. Museus em Movimento | 6 |

As DERIVAS DA MEMÓRIA que propomos podem seguir roteiros pré-determinados, mas também permitem desvios, paradas, outros percursos reais e imaginários. A deriva da memória contém o devaneio em torno da história. Estamos interessados em caminhos que se sobreponham às histórias sedimentadas pelas políticas da história e do patrimônio em Ouro Preto e Mariana. Dialogando com esses estratos temporais mais antigos e monumentalizados, buscamos caminhar e pensar histórias potenciais pelas ruas das cidades-patrimônio.

Andar e pensar como um ato único é tão antigo quanto a humanidade. Desde as longas migrações da chamada pré-história, andar é um ato de conhecimento: as paisagens e seus habitantes mudam e a transformação da cena estimulava o pensamento. Em muitas sociedades, os melhores contadores de histórias são os andarilhos que, na solidão dos passos, elaboram as histórias, como no caso dos *griots* da África Ocidental ou dos *pajés* Tupinambá. Na tradição ocidental, é conhecida a prática de Aristoteles de ensinar passeando pelo jardim (*peripatos*), daí a palavra peripatético. Mas mesmo andar de um lado para o outro, no espaço limitado de um quarto (e até mesmo de uma cela), provoca o pensamento inquieto, como no livro *Viagem ao redor de meu quarto*. Andar, pensar, conhecer e narrar são formas integrais de movimentar o mundo.

Na modernidade, as qualidades do andar pela cidade foram ressaltadas por Baudelaire, que criou o *flâneur* como um caminhante que apreende a cidade, atitude que depois foi pensada por Walter Benjamin como um ato de resistência à aceleração e de conhecimento sobre a vida urbana. Na mesma época, os surrealistas e dadaístas radicalizaram o gesto de andar desinteressadamente ao andar entregando-se ou desviando-se os ritmos urbanos, como se estivessem à deriva na cidade. A deriva foi sistematizada pelos situacionistas como prática política de conhecimento e atuação sobre a cidade no tempo do capitalismo avançado. Ao nos apropriarmos desta prática e do conceito, acentuamos o caráter político da história realizada em nossos trajetos.

Por ora temos três percursos que se realizam de forma diferente a cada vez que praticamos. Estamos abertos a construir com o público interessado caminhos alternativos. Fazer uma das derivas propostas é um bom começo para novos diálogos em torno da história que as cidades murmuram.

Escreva-nos com suas ideias e para agendamento:
museusemmovimento@ufop.edu.br

Do retumbar dos hinos ao soar dos tambores

A deriva funciona como uma intervenção didática que busca ouvir os "segredos" da cidade referidos por Drummond quando escreve: "Em Vila Rica e nas outras cidades "extintas" de Minas é impossível esquecer o elemento histórico, que se insinua traiçoeiramente em toda conversa, leitura, mirada, até mesmo nos momentos de gozo estético mais desabalado. Aqui houve tocaias e combates, aqui Tiradentes fez isso, Marília fez aquilo; [...] aqui outrora retumbaram hinos. Os hinos retumbam ainda, e muitas vezes nos proibem de ouvir os segredos que as imagens do Aleijadinho queriam contar".

Ao longo do trajeto, nos perguntamos como esses "hinos" silenciaram histórias subalternizadas. Assim, iniciamos pelo Museu da Inconfidência, onde questionamos a imaginação nacional amparada em uma história única, fazendo do museu ponto de partida para problematizar e reimaginar olhares outros sobre a cidade-patrimônio. Interrogamos as relações de poder inscritas no espaço museal e urbano, tensionando a supervalorização da cultura luso-brasileira com a presença viva e marcante das matrizes afro-brasileiras na cidade. Percorrendo as ladeiras e vielas ouro-pretanas sob a lente de histórias potenciais, transformamos o trajeto em um exercício de história pública, buscando evidenciar sujeitos históricos invisibilizados. Transitando entre o monumento e o movimento, o objetivo é reconhecer a polifonia patrimonial de Ouro Preto. A proposta se alinha às diretrizes da Lei 10.639/03 e da Lei 11.645/08, podendo ser utilizada para pensar os temas da história e cultura afro-brasileira e indígena.

Trajeta simplificado: Museu da Inconfidência, Praça Tiradentes, Largo do Coimbra (Casa de Gonzaga e São Francisco), Minas de Ouro (Chico Rei ou Palácio Velho) e Largo Marília de Dirceu.

Duração: entre 1h30- 2 horas.

Data: a combinar, considerando a demanda do grupo e dos integrantes do MuM.

Públicos potenciais: Estudantes de Ensino Fundamental (anos finais), Ensino Médio e Ensino Superior; Professores e professoras da escola básica; público em geral. A atividade é adaptada para promover uma ética da memória em cada grupo.



Os Caminhos da Ditadura em Ouro Preto

A deriva propõe um percurso histórico pelo espaço urbano de Ouro Preto, investigando lugares marcados pelas experiências da ditadura militar e pelas tensões em torno da memória desse período (1960-1980). Partindo de espaços de repressão e resistência, o trajeto articula história e patrimônio para realizar uma leitura crítica sobre o apoio local ao golpe de 1964, o controle ideológico nas instituições e a perseguição ao movimento estudantil. Ao longo do caminho, interrogamos o papel das repúblicas, a efervescência da contracultura nos Festivais de Inverno e as memórias das vítimas ouro-pretanas, utilizando documentos e fotografias como suportes de mediação. O percurso busca dar visibilidade aos silêncios da narrativa oficial, problematizando a ausência de políticas públicas de memória e revelando uma cidade que resiste sob as camadas do tempo monumental.

Trajetos: Pontos estratégicos do centro histórico (a definir conforme o grupo); aproximadamente

Duração: entre 2 e 3 horas.

Data: a combinar, considerando a demanda do grupo e dos integrantes do MuM.

Públicos potenciais: Estudantes de Ensino Fundamental (anos finais), Ensino Médio e Superior; professores da rede básica e público em geral. A atividade conta com adaptação didática conforme o perfil dos participantes.



Cemitérios de Objetos Sacros

A deriva percorre os cruzeiros e outros lugares santos nos quais se depositam objetos sacros quebrados ou fora de uso por razões relacionadas à conversão religiosa. Partimos da capela de São João e seguimos até o Padre Faria, passando pelo cruzeiro e capela de Santana, pela capela da Piedade, pelo cruzeiro da ponte do Zé Vieira, chegando ao cruzeiro e capela do Padre Faria. Ao longo do trajeto, interrogamos as práticas religiosas em torno dos cruzeiros e as devoções privadas e seus motivos. Ao mesmo tempo, interrogamos a história inscrita no espaço, contando e refletindo sobre a ocupação da Serra de Ouro Preto e seus usos históricos. Percorremos uma história pouco visível ou invisibilizada nos trajetos patrimoniais hegemônicos, o que permite estabelecer visões mais complexas da história da cidade.

Trajeto simplificado: Capela de São João, Capela de Santana, Capela da Piedade e mundeu, Cruzeiro da Ponte do Zé Vieira e Capela do Padre Faria

Dia e Horário: a combinar, considerando a demanda do grupo e dos integrantes do MuM.

Públicos potenciais: Estudantes de Ensino Fundamental (anos finais), Ensino Médio e Ensino Superior; Professores e professoras da escola básica; público em geral. Em cada caso, a atividade será adaptada aos interesses e condições do público.



Orientações gerais para as derivas

- Use sapatos confortáveis; os trajetos podem durar entre 1h e 3h;
- Lembre-se de levar lanche e água;
- Recomendamos utilizar o banheiro antes do início do trajeto, pois ao longo do percurso não há pontos de apoio fixos;
- Aproveite o percurso para observar a cidade com mais atenção: mantenha os ouvidos abertos, perceba os espaços ao seu redor e permita-se sentir a experiência da caminhada;
- Fotografe o que lhe chamar mais atenção, respeitando os transeuntes e as regras de cada espaço;
- Filme ou registre oralmente suas impressões usando seu celular, respeitando os transeuntes e as regras de cada espaço;
- Anote ou desenhe em seu caderninho de campo.
- Compartilhe conosco suas impressões registradas (enviaremos um formulário específico para isso após os trajetos)

MUSEUS EM MOVIMENTO

Museus em Movimento: história pública em Ouro Preto e Mariana é um projeto de extensão do Departamento de História da Universidade Federal de Ouro Preto com o apoio institucional e financeiro da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura.

Para conhecer o projeto e sua equipe acompanhe-nos no Instagram @museusemmovimento ou entre em nossa comunidade no Whatsapp:

